RESUMO DA FUNDAÇÃO DO REAL
MOSTEIRO DA BATALHA
E DOS
Tumulos reaes e particulares que alli existem

POR

VICTOR DOS SANTOS

DECIMA SEGUNDA EDIÇÃO

TYPOGRAPHIA DOS EDITORES BELEM & C.ª
26, Rua do Marechal Saldanha, 26
LISBOA

AFFONSO DOMINGUES

Primeiro architecto que planeou e dirigiu esta tão grandiosa obra

RESUMO DA FUNDAÇÃO
DO REAL
MOSTEIRO DA BATALHA

E DOS

Tumulos reaes e particulares que alli existem

POR

VICTOR DOS SANTOS

DECIMA SEGUNDA EDIÇÃO

TYPOGRAPHIA DOS EDITORES BELEM & C.ª
26, Rua do Marechal Saldanha, 26
LISBOA

RESUMO

DA FUNDAÇÃO DO REAL MOSTEIRO DA BATALHA

E

DOS TUMULOS REAES E PARTICULARES

QUE ALI EXISTEM

Na vespera da Assumpção da Santissima Virgem, 14 de agosto de 1385, estando o nosso rei D. João I acompanhado d'um pequeno numero de portuguezes, fieis e valentes, para dar a memoravel batalha d'Aljubarrota, contra o grande poder d'el rei de Castella, D. João I, invocou o auxilio da Mãe de Deus e fez solemne voto de lhe erigir um templo sumptuoso, se sahisse vencedor. Derrotado completamente o exercito castelhano, intentou logo o religioso monarcha dar pleno cumprimento á sua promessa; ainda que não póde fixar-se a data do começo da fabrica do mosteiro, (*) comtudo tal foi o motivo da sua fundação, e segundo

(*) James Murphy—Designs of the Church and Roial monaster of Batalha.

a acertada conjectura do ex.mo sr. Bispo Conde, pode-se asseverar que teve principio no anno de 1387, ou quando muito de 1388.

Querendo el-rei levantar o edificio nos contornos onde se deu a batalha, escolheu um valle fertilisado pelo Rio Lena, e comprou a Egas Coelho e Maria Fernandes de Meira sua mãe, a quinta do Pinhal, sita no mesmo valle, como consta da carta de doação que fez ao mosteiro, dada em Coimbra aos 14 de janeiro de 1436.

A quinta abrangia o local do mosteiro, parte da cerca actual e alguns terrenos aonde se fizeram as necessarias officinas para a construcção de tão grande obra.

Quando os trabalhos escacearam, foram se dando de aforamento estes terrenos a particulares, com expressa clausula de levantarem casas, que hoje constituem a povoação. E é d'esta circumstancia que procede a invocação do templo de *Santa Maria da Victoria*, e do mesmo modo o nome popular, porque é hoje mais conhecido, assim como a villa contigua.

O primeiro architecto, que traçou e dirigiu esta grandiosa obra, foi o mestre Affonso Domingues, natural de Lisboa, freguezia da Magdalena; merecedor de eterna memoria pela capacissima ideia com que delineou o mais bello monumento de architectura do nosso paiz, e um dos mais bem acabados e perfeitos n'este genero que possue a Europa.

Quando el-rei mandou dar começo ao templo, não tinha ainda assentado na ordem religiosa a quem o doaria; a pedido porem do seu confessor fr. Lourenço Lampreia, frade dominico, e do dr. João das Re-

gras, o deu á ordem de S. Domingos, (*) por carta lavrada na cidade do Porto a 4 de abril de 1436.

Desde a porta principal até ao primeiro degrau da capella mór tem 83 metros de comprimento, aos quaes juntos 13^{m},2 que ha d'este degrau até á parede, aonde encosta o altar mór, fica todo o comprimento de 96^{m},2. A largura é de 22 metros. Tem de altura até ao ponto da maior abobada 37^{m},12. Das tres naves em que se divide a egreja, tem a do meio 7^{m},26, e a dos lados 4^{m},62 cada uma. O que falta para encher a conta dos 22 metros que se dá de largura a todo o corpo, é occupado de pilares que fazem divisão das naves, que são oito por banda, cujas bases, assentadas em quatro, fazem 2^{m},64 por cada testa.

A primeira capella proxima á sacristia, tem um altar bellamente ornamentado, que imita bem o rico altar de mosaico, que está na ultima capella da epistola.

Ha porem ahi um grande tumulo de pedra que mostra ter tido em cada uma das faces do templo dois escudos de armas, as quaes estão apagadas e picadas; dizem ser de um cardeal da casa do duque d'Aveiro, de que descende a familia Tavora.

Na outra capella do lado do Evangelho, existe um tumulo pequeno de marmore branco, lavrado por todas as faces de flores em relevo, e em cada face o escudo das armas reaes, assentadas sobre a cruz d'Aviz,

---

(*) Fr. Luiz Cacegas—Historia de S. Domingos, reformada por Fr. Luiz de Souza.

acompanhadas com o banco de pinchar; dizem ser do principe D. João, filho de D. Affonso V; e da rainha D. Izabel, que morreu menino, e tambem uma campa onde está uma tia do principe.

Na capella-mór, junto ao supedaneo do altar, embutida nos degraus do mesmo, está uma caixa de marmore branco, com dois vultos da mesma pedra em cima, que figuram el-rei D. Duarte e sua mulher D. Leonor, que ali foram sepultados, com uma singela inscripção latina, cuja traducção é a seguinte :

AQUI JAZ

D. DUARTE I, REI DE PORTUGAL E ALGARVES

E A RAINHA D. LEONOR, SUA MULHER

Na capella do lado da Epistola, está o tumulo de madeira, que encerra as cinzas de D. João II, aonde por mais de tres seculos se conservou inteiro o corpo d'este monarcha. Porem, quando em 1810 o exercito francez invadiu o reino, a soldadesca violou o sagrado dos tumulos, e apenas se poderam salvar os restos informes do corpo do monarcha, que os religiosos de novo encerraram no antigo deposito, que mandaram reformar, e ao lado do mesmo tumulo, está uma campa, que é da familia Coutinho.

Na ultima capella do mesmo lado da Epistola, pegada com a porta travessa, existe um altar de marmore lavrado de mosaico com retabulo egual, cuja capella

el-rei D. João I doou a D. Lopo Dias de Sousa, valoroso mestre da ordem de Christo.

Diz-se que o tumulo de marmore branco, que ali existe, encerra as cinzas d'aquelle heroe.

No grosso da parede d'esta capella se levanta o bello e magnifico mauzoleu de Diogo Lopes de Souza, conde de Miranda, quarto regedor da relação do Porto. ornado de mosaico em marmore preto: assenta sobre tres leões de bella esculptura, cujas mãos repousam sobre uns ovados de marmore preto e tem por cima do mauzoleu o escudo das armas d'esta illustre familia, e a corôa ducal.

A inscripção que existe n'este monumento foi estragada completamente pelo vandalismo dos soldados francezes em 1810, assim como a corôa ducal e figuras que a adornavam. E' da familia de Diogo Lopes de Sousa, que descende da casa do duque de Lafões.

A um dos lados do cruzeiro está a porta travessa, e no outro fronteiro, o altar de Jesus com um retabulo de pedra, obra moderna. Attribuem á celebre Josepha d'Obidos, dois paineis que estão nos lados, e ao nosso insigne pintor Gran Vasco, os que estão em cima.

Entre as obras primorosas, que encerra o templo da Batalha, sobresae a capella do augusto fundador, que fica á direita entrando a porta principal da egreja. É uma grande sala quadrada, de $19^{m},8$ por cada lado, construida da mesma cantaria da egreja e coberta de abobada, com um zimborio no centro, sustentada sobre oito pilares.

No meio d'esta capella ha uma caixa grande de mar-

more branco, dentro da qual estão os moimentos d'el-rei D. João I, e da rainha, sua mulher, D. Filippa, ingleza, filha do duque d'Alencastre; o friso superior d'esta caixa é guarnecido por uma silva cortada na pedra, em relevo, e entre a folhagem se lê, na metade da sua circumstancia a letra repetida—IL ME PLAIT—e na outra metade, a letra tambem repetida—POR BEM.

Nas duas faces lateraes e maiores da caixa, estão lavrados na mesma pedra, dois extensos epitaphios do rei e da rainha, em caracteres allemães.

Na face do poente, que é a cabeceira do tumulo, está em relevo, a cruz da ordem da Jarreteira, circulada da liga, que é a insignia da ordem, com a letra—HONNI SOIT QUI MAL Y PENSE.

Sobre o tumulo estão em relevo os vultos do rei e da rainha, com corôa real, e as cabeças cobertas por dois torreões de marmore bellamente lavrados, na summidade dos quaes se veem respectivamente os seus escudos de armas. O de D. João I tem as quinas direitas assentes sobre a cruz d'Aviz, com a orla dos castellos, e corôa real; o de D. Filippa é partido em dois, tendo á direita o escudo das armas de seu marido, e á esquerda o seu proprio brazão; é esquartelado e tem nos lados respectivamente oppostos, os leões e as flores de liz.

Ao lado do sul da capella, estão abertos no grosso da parede quatro arcos, onde existem os jazigos dos quatro infantes, filhos de D. João I. O primeiro do lado do poente, é o do filho mais velho, D. Pedro, duque de Coimbra, tão sabio quanto infeliz; governou o reino

com bastante prudencia, durante a menoridade de seu sobrinho D. Affonso V, e veiu a morrer na infausta batalha da Alfarrobeira. A par do seu tumulo, para a parte inferior do arco, está outro encerrando as cinzas de sua mulher, D. Izabel, filha do conde d'Urgel, D. Jayme; na orla do tumulo tem a legenda seguinte, em letra gothica—DEZIR—...

Segue-se, no segundo arco, o mauzoleu do celebre infante D. Henrique, duque de Vizeu (2.º filho de D João I) nome immortal para a historia da navegação; sobre o tumulo está a estatua d'elle, armado; não tem corôa real, mas sim uma fota á roda da cabeça; na inscripção ficou por encher a data do fallecimento do infante, e o nome da ordem de que foi governador, por falha que ha na pedra; tem na orla do tumulo a legenda seguinte—TALENT DE BIEN FAIRE.

O terceiro tumulo é o do infante D. João (3.º filho de D. João I) mestre da ordem de S. Thiago e condestavel do reino; teve por mulher sua sobrinha D. Izabel, filha de D. Affonso, conde de Barcellos, 1.º duque de Bragança neto do grande D. Nuno Alvares Pereira: dentro do mesmo arco, á direita do tumulo de seu esposo, está o jazigo d'esta senhora; na orla do seu mauzoleu tem a seguinte inscripção — J'AI BIEN RAISON.

Segue se o quarto monumento, onde repousam as venerandas cinzas do infante santo D. Fernando (4.º filho de D. João I) mestre da ordem d'Aviz, exemplar de resignação christã, e de todas as virtudes: morreu captivo em Fez. As reliquias que ali existem, foram remidas das mãos dos infieis e trazidas para este

reino em tempo de Affonso V, seu sobrinho. Tem na orla do seu mauzoleu a seguinte inscripção—LE BIEN-ME-PLAIT.

Á porta da capella real, esta uma campa de pedra lisa, que cobre a sepultura de um soldado da ala dos namorados, homem muito valente, que foi inseparavel d'el rei na batalha d'Aljubarrota, defendendo-o de seus inimigos corajosamente e sempre a seu lado, Martim Gonçalves de Maçada.

Pegada á parede da capella real, existe uma grande campa lavrada, que cobre a sepultura de Diogo de Travassos, varão que devia ser de raras qualidades, visto que o sabio infante D. Pedro, duque de Coimbra, o tinha como aio de seus filhos e regedor de suas terras.

A entrada da porta principal, ao fundo da escada, está a sepultura do quinto architecto Matheus Fernandes (que foi mestre da capella imperfeita, no tempo d'el-rei D. Manuel) e sua mulher Izabel Guilherme; e tambem o licenciado Miguel Henriques, e sua mulher Antonia de Vivar, com suas filhas. Tem na campa dois craneos esculpidos, cada um com a sua epigraphe em caracteres gothicos; o da parte de cima diz o seguinte—VÓS OUTROS QUE POR AQUI PASSAES, A DEUS POR NÓS ROGAI— e o de baixo—NÃO DEIXEIS DE BEM FAZER, PORQUE ASSIM HAVEIS DE SER.

A admiravel casa de capitulo, obra primorosa de architectura, tem $74^{m},8$ em ambito, e $14^{m},7$ por cada lanço: é fechada a abobada de cantaria, sem columna esteio, ou cousa que a sustente! No meio d'esta casa estão dois tumulos de madeira: no da direita, jazem

D. Affonso V e sua mulher, a rainha D. Izabel; no da esquerda já o principe D. Affonso, filho de D. João II, herdeiro da corôa, que morreu cahindo d'um cavallo nas margens do Tejo, junto a Santarem, contando apenas dezeseis annos de idade e sete mezes de casado.

Em um dos angulos da casa, no ponto em que um ramo dos arcos vae formar abobada, está o busto em esculptura do celebre architecto Affonso Domingues, que delineou e levantou esta admiravel obra, e se collocou no centro da abobada depois de construida, assentado durante tres dias e tres noites, dizendo:

D'aqui ninguem me retira sem findar o tempo que marquei, porque, como já disse, quero fazer ver ao mestre de Aviz que não foi preciso ter vista para levantar tão grandiosa abobada, e mesmo ao mestre David Ouguet, que estava encarregado para me substituir depois de me faltar completamente o alento da vista; porem era a ideia e actividade, e ajuda de Deus, como diz Alexandre Herculano nas suas *Lendas e Narrativas*: Sois litterato, reverendo Padre; deveis ter visto algum traslado da Divina Comedia de Florentino Dante, pois sabei que este mosteiro que se ergue diante de nós era a minha divina Comedia, o cantico da minha alma; concebi o eu; viveu comigo largos annos em sonhos e em vigilia; cada columna, cada mainel, cada fresta, cada arco era canção que cumpria se escrevesse em marmore, porque só o marmore era digno d'ella.

«Os milhares de lavores que tracei em meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei arrancaram-me das mãos o livro, e nas paginas em branco

mandaram escrever a um estrangeiro! Loucos! Se os olhos corporaes estavam mortos não estavam os do espirito.

«O estranho a quem deram o meu cargo não me entendeu, e ainda hoje estes dedos descobriram n'essa pedra que o meu alento não bafejara..............

«Este edificio era meu porque o gerei; porque o alimentei com a substancia da minha alma; porque necessitava de me converter todo n'estas pedras, pouco a pouco, e deixar morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas columnas e por baixo d'essas arcarias....................................

Segue-se o claustro, obra tambem mandada fazer pelo augusto fundador: é quadrado, e tem por cada lanço 55^{m}, dos quaes vão abertos $6^{m},6$ ao longo das paredes altas e espaçosas.

N'um dos angulos proximo ao refeitorio está um chafariz.

O segundo claustro, muito inferior áquelle, em todo o sentido, foi feito no tempo de Affonso V.

A capella imperfeita, que fica por detraz da capella-mór, mostra uma formosa portada que se forma de uns cordões, que começando baixo sobem ao alto, e em volta, sem fazer signal de capitel, tornando a descer pela outra até ao chão e começando a fazer como o primeiro que fica mais fóra de todos, uma grande abertura de portal que se lhe ajuntam, recolhendo e apartando a entrada em tal diminuição, que vem a ficar em uma moderada porta; são sete ao todo os cordões, differentes em architectura e em feitio, mas todos em trabalho de variedade e subtileza de lavores,

tão perfeitos e com tanto primor obrados, como se fôra a mais facil madeira de quantas servem para a esculptura.

Em quatro cordões é parte de feitio uma letra entreposta a espaços, a qual diz o seguinte — TAYAS-EREI.

Estas duas palavras gregas, significam buscar inquirir novas regiões allusivas ao empenho que el rei D. Manuel fasia no descobrimento do Oriente.

Entrando pela grande portada, dá se com um espaço mui extenso e descoberto de forma circular, com sete capellas todas eguaes, de obra mui perfeita, evidentemente destinadas para jazigos da real familia; as capellas estão levantadas e acabadas, mas o edificio ficou descoberto, e as paredes estão levantadas até acima da cimalha, a ponto onde havia de começar a subir a ultima abobada, que devia cobrir tudo. El-rei D. Manuel, seu fundador, desviando a attenção para o convento de Belem, que mandou construir, suspendeu os trabalhos da capella imperfeita, provavelmente em 1509, resultando ficar incompleta como se vê. Ha porem ali uma abobada que está ligada com a capella-môr, e comprehende se que foi isto que desgostou el-rei D. Manuel, a ponto de mandar suspender as obras, e desviar d'aqui suas attenções para os Jeronymos em Belem.

Esta abobada, não só destoa, como é completamente alheia á architectura do portico, e mais anterior das capellas, como tambem ia tirar toda a luz á capella-môr, caso intentassem completal-a, como facil será descobrir se, logo que se entra por uma pequena porta de grades que dá entrada para as mencionadas

capellas, a qual está aberta n'um dos altares que ali tencionam ornamentar.

Devo dizer que este accrescente de renascença, não é obra do architecto Matheus Fernandes, mas sim d'um architecto italiano que el rei D. Manuel tinha mandado vir para completar esta tão grandiosa obra, por ter fallecido Matheus Fernandes.

Epitaphio de El-Rei D. João I

(VERTIDO DA INSCRIPÇÃO LATINA)

Em nome do Senhor jaz n'esta sepultura o serenissimo e sempre invicto, victoriosissimo, magnifico e em virtudes esclarecido principe D. João, decimo rei de Portugal e sexto do Algarve e o primeiro entre todos os christãos que depois da perda geral de Hespanha foi senhor da famosa cidade de Ceuta em Africa. Nasceu este excellentissimo Rei na muito nobre e muito leal cidade de Lisboa no anno do Senhor de mil trezentos e cincoenta e oito e n'ella foi armado cavalleiro em idade de cinco annos por mão do serenissimo Rei Dom Pedro, seu pae. E tomando á sua conta depois da morte de El-Rei Dom Fernando, seu irmão, o governo da mesma cidade e de muitas outras forças que se lhe entregaram defendeu-a valorosamente contra El-Rei de Castella que 9 mezes a teve cercada por mar com mui grossa armada e por terra com grande exercito, accommettendo-a com muitos e apertados assaltos, e sendo ajudado de muitos portuguezes.

Sendo depois por El-Rei, na cidade de Coimbra, com geral alegria, no anno de 1385 fez, por sua pessoa e de seus capitães, grandes feitos d'armas; en-

trando muitas vezes por terras de seus inimigos alcançou notaveis victorias: e a principal que teve foi a que Deus lhe deu junto a este convento, vencendo e desbaratando em batalha campal a El-Rei D. João de Castella, que trazia comsigo um poderoso exercito de seus vassalos e vinha acompanhado de muitos portuguezes e outros estrangeiros que o serviam, e logo foi ganhando á força de armas, muitas forças e castellos, de que os inimigos se tinham apoderado, e que depois valorosamente sustentou e defendeu por toda a vida. E conhecendo que Deus fôra o que lhe dera a victoria por intercessão da gloriosissima Virgem Nossa Senhora, o que succedeu na vespera da festa da Assumpção, por agosto, mandou á sua honra edificar este Convento que é a melhor obra de toda a Hespanha. E com desejos da maior gloria de Deus e pretendendo que só a elle se reconhecesse n'este Reino superioridade em tudo, assentou que os annos que pelo tempo atraz se costumavam contar nos autos e instrumentos publicos pela era de Cesar se reduzissem ao nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo: e fez que começasse a correr esta conta, do anno de mil quatro centos e vinte e dois em diante, no qual andava a era de Cesar em MCCCCLX.

E achando se estes Reinos não menos estragados de costumes que desbaratados das insolencias dos inimigos, pôz diligencia em os emendar e apurar, desterrando com seu exemplo e obras santas todas as devassidões e maldades que geralmente se usavam, e prantou e fez florescer em seu logar obras de virtude, honestidade e honra. E procurando escusar guerras

com christãos, deixou antes da sua morte, assentada com elles, paz perpetua para si e para os seus successores. E abrasado em fogo da fé, passou em Africa com uma grossissima armada, em que havia mais de 220 vellas, a maior parte naus de grande pórte e galés reaes: e foi acompanhado n'ella, do infante D. Duarte seu filho e herdeiro e dos infantes D. Pedro, D. Henrique e do Conde de Barcellos, D. Affonso, seus filhos, e de grande poder e numero de animosos vassallos com os quaes no mesmo dia em que pôz os pés em terra de mouros, tomou de assalto com espanto do mundo a fortissima e famosa cidade de Ceuta, e pouco tempo depois vindo sobre ella mais de 100:000 combatentes mouros da Berberia e Granada e tendo-a apertadamente cercada, elle a mandou soccorrer pelos Infantes D. Henrique e D. João e pelo conde de Barcellos, seus filhos e por outros senhores e fidalgos: os quaes accommettendo aos mouros os fizeram levantar e fugir com morte de muitos, e toda a sua armada desbarataram, mettendo muitos navios no fundo, queimando e tomando outros: assim livrou a cidade.

E fasendo 18 annos menos 8 dias que se cumpriam vespera da Assumpção Virgem Nossa Senhora do anno de 1433, que a tinha tomado e fortificado bastantemente contra todo o accommettimento de inimigos, no mesmo dia mez e anno acabou este gloriosissimo Rei bemaventuradamente sua vida na cidade de Lisboa, rodeado de seus filhos e de grande parte da nobreza do Reino deixando a cidade de Ceuta em poder do mui alto e poderoso Rei D. Duarte, seu filho, que á imitação de tal pae procura mantel-a e go-

vernal-a, com estes Reinos na fé de Jesus Christo. O mesmo Rei D. Duarte trasladou com grande honra e magestade o corpo de El Rei seu pae, acompanhado de seus irmãos, o infante D. Pedro Duque de Coimbra e senhor de Montemór, e o infante D. Henrique Duque de Vizeu e senhor da Covilhã e Governador no Mestrado de Christo e o Infante D. Fernando e o Infante D. João condestavel de Portugal e Governador no Mestrado de S. Thiago, e o Conde de Barcellos D. Affonso, filho do dito Rei D. João, o qual ao tempo do seu fallecimento não tinha outros senão duas filhas que estavam em suas casas com seus maridos, uma a Infanta D. Izabel Duqueza de Borgonha e condessa de Flandres e senhora de muitos outros estados, e outra a senhora D. Beatriz Condessa de Hontinlon e Harondel em Inglaterra. Assistiram mais n'esta trasladação todos os netos que havia de El-Rei D. João, a saber: D. Affonso Conde de Ourem e D. Fernando Conde de Arrayolos filho do conde de Barcellos. E tinha n'este tempo outro neto que era o Infante D. Affonso filho primogenito de El Rei D. Duarte os quaes contados com os filhos, faziam todos o numero de vinte pessoas. Acudiram tambem e foram presentes todos os Bispos que haviam no Reino com outros muitos Prelados, com grande numero de Clerezia e Frades e os senhores da terra e Alcaides móres e Fidalgos particulares. Assim foi trazido o Real corpo a este convento e entrou n'elle aos 30 dias do mez de novembro do dito anno e foi sepultado na capella mór com a rainha D. Filippa sua unica mulher, e mãe illustradissima de El Rei D. Duarte e dos Infantes ditos. E no anno seguinte aos

14 d'agosto foram os corpos ambos com nova pompa passados a esta Capella que para sua sepultura tinham edificado. E acharam-se presentes a mui alta e excellentissima Princeza D. Leonor, Rainha d'estes Reinos e as Infantas D. Izabel, Duqueza de Coimbra e D. Izabel, mulher do Infante D. João, com a maior parte dos Prelados e nobreza do Reino até ficarem recolhidos em suas sepulturas.

As almas tenha o Senhor em sua Gloria. Amen.

FINIS LAUS DEO

Epitaphio da Rainha D. Filippa

(EM PORTUGUEZ)

Esta felicissima Rainha desde a sua meninice até ao fim da vida, foi muito dada a Deus e era tão pratica e tão bem instruida na reza o Officios Divinos da Egreja, que acontecia muitas vezes advertir com Real benignidade e ensinar cousas a Sacerdotes letrados e devotos. Na oração era tão continua que fóra do tempo que lhe tomavam as occupações forçosas da vida, todo o restante empregava em contemplar, ou ler ou rezar. A El Rei seu marido amou sobre todo o encarecimento: a seus filhos criou com toda a virtude e bons costumes, com doutrina, reprehensão e castigo. Suas rendas particulares despendia com Egrejas e Mosteiros e á gente pobre fazia grossas esmolas: mas para casamentos de donzellas nobres dava tudo e com grande largueza. Do povo em geral era muito amiga, ninguem desejava mais a paz, ninguem com mais efficacia a persuadia procurando que a houvesse entre os christãos e tomando bem fazer-se guerra aos infieis em vingança das offensas que fazem a Deus. E com isto era tanta a sua mansidão que por erros commetti-

dos contra sua pessoa nunca maltratou nem consentiu que fôsse ninguem maltratado.

Foi esta Senhora um modelo e regra de virtude conjugal para casadas, guia e ensino para donzellas, meio e occasião de toda a honestidade para o Reino e para que não faltasse em nada, tiveram n'ella os que a serviam, uma mestra mui discreta e grave da graça e galanteria do palacio e cortezã de toda a politica. E continuando n'esta e n'outras muitas virtudes (de que esta pedra por grande que fôra não era capaz) e crescendo cada dia e adiantando n'ellas chegou ao prazo ordinario da vida mortal e como a sua foi sempre muito boa e santa assim a morte dos olhos de Deus foi preciosa e bemaventurada. Recebidos devotamente todos os Sacramentos da Egreja lançou a benção a seus filhos; e encommendando a cada um o que entendia que convinha ao serviço e honra de Deus e proveitos d'estes Reinos e aquillo que espera que lhes fosse occasião de accrescentar e melhorar na virtude, de tal maneira deu remate aos trabalhos do mundo que tanto nos que se acharam presentes e fôram testemunhas de vista como nos ausentes que a relação ouviram, deixou uma firme e mui assentada opinião que está gozando de Deus. Falleceu a 18 de junho de 1415 e foi sepultada no dia seguinte no antecôro das Freiras de Odivellas. E sendo no anno seguinte aos 8 de outubro foi achado seu corpo inteiro e sem corrupção e acompanhado de suave cheiro foi trazido a este Convento pelo victoriosissimo Rei D. João seu marido e pelos Serenissimos Infantes a saber: D. Duarte, seu filho primogenito, D. Pedro, Duque de Coimbra, D. Hen-

rique, Duque de Vizeu, D. João e D. Fernando e D .Izabel filhos d'elle e d'ella, sendo acompanhados de grande numero de Clerigos, Prelados, Frades, e de todos os Senhores e Fidalgos d'esta Côrte e de muitas donas e donzellas illustres que seguiam a Infanta D. Izabel, e em 15 d'outubro de 1416 ficou depositada na Capella-mór d'onde foi depois trasladada a esta Capella e sepultura em companhia d'El-Rei na forma que no epitaphio do dito Rei se declara. A ambos tenha o Senhor em Sua Gloria. Amen.

FINIS